



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11928 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

CONDIÇÕES DE ACESSO DE ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Roberta Pereira Vieira de Souza - UERJ/FEBF - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CONDIÇÕES DE ACESSO DE ALUNOS COM AUTISMO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

No ano de 2020, com a pandemia da Covid-19 causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), vivenciamos mudanças no modo como nós nos estabelecemos no mundo e nas relações com o outro, dada a necessidade de cumprimento das medidas sanitárias para freio da propagação do vírus e continuidade da vida humana. A área da Educação, em especial a escola, foi profundamente impactada pela necessidade de isolamento social e, conseqüentemente, com o fechamento das instituições.

Entre as primeiras indicações para realização de atividades remotas do Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, 2020), veio a afirmação de que a carga horária trabalhada pelo docente a distância computaria como período letivo, com base na Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, que dispôs sobre a autorização das atividades remotas não presenciais por meios digitais enquanto a pandemia da Covid-19 permanecesse. Tal ação foi pensada como forma de dar continuidade a educação, tendo por meio das atividades propostas, a validação da carga horária prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Inserida nesse contexto, este trabalho, recorte de uma pesquisa de mestrado, teve como objetivo analisar as condições de acesso de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino remoto emergencial, matriculados em uma classe especial de uma escola pública da rede de periferia.

Pautados nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural,

conforme os estudos de L. S. Vigotski, este estudo parte do princípio da relação dialética entre o meio e a vivência/*perejivanie*, no processo de desenvolvimento humano (VINHA, WELCMAN, 2010). Ainda, aqui é tomada enquanto a unidade de análise que nos permite investigar os diversos aspectos que constituem o desenvolvimento e a transformação das funções psíquicas superiores, ou seja, “permite explicar como as ações da criança afetam ou produzem efeitos no meio ambiente e este, por sua vez, torna-se fonte de desenvolvimento psíquico” (SMOLKA *et al.* 2021, p. 1377).

Os sujeitos participantes do estudo foram três alunos com TEA matriculados na classe especial da escola *locus* do estudo. Desse modo, como professora e pesquisadora dos alunos com TEA, para me aproximar das condições dos alunos para o acesso ao ensino remoto, utilizei duas estratégias: entrevista por pauta com os responsáveis dos alunos conforme Gil (2008); registro do trabalho pedagógico pelo aparelho de telefone celular por meio do aplicativo WhatsApp. Em relação as atividades pedagógicas, estas eram enviadas quinzenalmente no formato .pdf e o auxílio no processo de mediação se dava por meio do envio de vídeos explicativos e áudios, assim como, a elaboração de estratégias para o desenvolvimento dessas.

Para análise dos dados construídos, nos pautamos na análise microgenética de Góes (2000), que tem como foco as minúcias dos relatos, o detalhamento dos acontecimentos, dentre outros aspectos relevantes. A análise foi realizada no processo de descrição, explicação e busca de sentidos que circunscrevem a problemática estudada. Para dar melhor visibilidade as análises e ao debate, os dados na pesquisa foram organizados em categorias. Ressaltamos que durante a transcrição das entrevistas novos elementos surgiram, assim, em acordo com a pré-análise, constituímos as subcategorias para as discussões. Desse modo, as discussões aqui apresentadas correspondem a subcategoria intitulada: acesso aos ambientes virtuais e aos equipamentos tecnológicos.

As análises sobre as condições sociais e econômicas, indicaram a necessidade de compreendermos as formas do acesso a equipamentos eletrônicos, internet e aplicativos específicos utilizados no apoio aos alunos, o acompanhamento familiar com o uso destes instrumentos tecnológicos, além de todo o aparato necessário para que houvesse um espaço-tempo adequado para que os alunos realizassem algumas atividades e, por fim, mantivessem vínculos comigo, professora da turma, e com a escola.

Nesse contexto, com relação ao uso dos aparelhos que possibilitaram a conexão em rede, destacamos dois trechos dos relatos de dois responsáveis em contato comigo. Os responsáveis pelo aluno Lauro, relataram: “compramos um computador usado e pretendemos comprar uma impressora usada também [...]; [...] temos um celular que é de todo mundo [...]” e o dos responsáveis por Maria: “[...] até temos dois computadores, a irmã de Maria tem um e eu tenho outro, mas nem ligamos, pois usamos mais o celular para acessar o WhatsApp e o YouTube”.

Os relatos acima indicam que apesar dos responsáveis pelos alunos possuírem computadores, não é evidenciado o uso desses aparelhos para realização das atividades. A questão, quanto a necessidade de comprar os aparelhos usados, também revela a fragilidade socioeconômica da família de Lauro, e ainda, evidencia a ausência de recursos tecnológicos que deveriam ser dispensados pelo governo aos alunos, demonstrando o aprofundamento das desigualdades sociais e educacionais evidenciado no trecho: “*temos um celular que é de todo mundo*”. Assim, percebemos que essas desigualdades fragilizaram o acesso dos alunos às atividades disponibilizadas pela escola por meio digital em formato .pdf.

Com isso, ao analisarmos as condições de acesso de alunos com TEA durante o desenvolvimento do ensino remoto, identificamos muitas perdas provenientes ao isolamento social na trajetória acadêmica dos alunos e nos aspectos do trabalho pedagógico que buscaram uma aproximação entre escola e aluno, pelo aparelho de telefone celular por meio do aplicativo WhatsApp. Em meio a essas perdas, as análises também indicam que os responsáveis não tinham conhecimento técnico para auxiliar seus filhos no desenvolvimento dessas atividades, dado os relatos dos mesmos e as ausências de devolutivas. Esse aspecto culminou na impossibilidade de desenvolvermos a categoria sobre o processo de ensino-aprendizagem pensado inicialmente para o estudo.

Portanto, a partir das análises, podemos considerar que uma marca foi a fragilidade na promulgação de políticas educacionais voltadas para minimização dos impactos gerados pelo período pandêmico na educação de vários alunos, dada a precariedade das ações dos poderes executivos, com relação a implementação de estratégias necessárias a democratização das tecnologias.

Palavras-chave: Pandemia da Covid-19; Ensino remoto; Escolarização de alunos com autismo; Tecnologia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

BRASIL. **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020.** Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - COVID-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação (CNE). Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 50. abr., p. 9-25, 2000, ISSN 1678-7110.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante *et al.* Contribuições teóricas e conceituais de Vigotski para a pesquisa qualitativa em educação. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V.7, N.3 - pág.1364-1389 set-dez de 2021: “Dossiê Relatos de experiências e produção acadêmica” – DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2021.63920>.

VINHA, Márcia Pileggi; WELCMAN, Max. Quarta aula: a questão do meio na pedologia: Lev Semionovich Vigotski. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-65642010000400003>.